

PROCESSO Nº 04/94
PROPOSTA DE TOMBAMENTO
“FAZENDA OLHO D’ÁGUA DOS PIRES”

Outubro/94

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NATURAL DO PIAUÍ

EQUIPE TÉCNICA:

ANTÔNIO LUIS DUTRA DE ARAÚJO – Arquiteto da Fundação Cultural do Piauí

ANA KARINE BATISTA DE SOUSA – Bolsista de Arquitetura da UFPI

DIVA MARIA FIGUEIREDO – Arquiteta do IPHAN e Assessora da Fundação Cultural do Piauí

GENILSON ODAIRES DE SOUSA – Bolsista UFPI

MARILENE COSTA NOGUEIRA TERTO – Técnico Administrativo da Fundação Cultural do Piauí

ÍNDICE

- 1 – Identificação do Monumento
- 2 – O município de Esperantina
- 3 – Histórico
- 4 – O entorno
- 5 – A arquitetura
- 6 – Justificativa
- 7 – Documentação Literária
- 8 – Documentação Fotográfica
- 9 – Plantas

PROPOSTA DE TOMBAMENTO

1 – IDENTIFICAÇÃO DO MONUMENTO

Município: Esperantina – Distante 194 km de Teresina – PI.

Monumento: Casa de Fazenda

Fazenda Olho D'água dos Pires

Proprietário Atual: Fco. Araújo Linhares

Área Construída:

Sede – 533,45m²

Farinhada – 69,37²

Engenho – 87,00m²

Atualmente está sendo usada como moradia; nela cria-se gado e cultiva-se algodão.

2 - O Município de Esperantina - acha-se localizado na meso-região¹ do Baixo Parnaíba piauiense, com 1038 km² de área, limitando-se¹ ao norte com os municípios de Luzilândia e Joaquim Pires, ao sul com Barras e Batalha, a leste com o município de Batalha, a oeste com Luzilândia, Matias Olímpio e Porto.

Uma carta datada do dia 13 de julho de 1739, conferia o Sítio Boa Esperança ao português Miguel Carvalho e Silva, que fixou residência e constituiu numerosa família; outro português, João Antonio dos Santos, possuir da Fazenda Urubu, construiu casas e currais em local próximo ao sítio, dando a localidade o nome de Retiro, daí o surgimento da denominação Retiro de Boa Esperança.

À margem do rio Longá, foram construídos tanques de pedras do urubu; a boa qualidade do solo atraiu moradores dedicados a lavoura e a criação de ovelhas para o local, dando início ao povoado.

Em 1847, foi concluída a construção da capela de nossa Senhora da Boa Esperança, onde após sua demolição, foi edificada uma igreja.

Retiro de Boa esperança, em 1920, passou a chamar-se Boa Esperança, adquirindo a categoria de vila. Somente em 1943, por haver duplicidade de topônimos, Boa Esperança foi mudado para Esperantina.

A sede municipal - situa-se na altitude de 60 metros, tendo sua posição geográfica determinada pela intersecção do paralelo de 3°54'08" de latitude sul com o meridiano de 42°14'02" de longitude oeste.

O clima de Esperantina é tropical megatérmico, dos mais quentes do Brasil e sub úmido. Os totais pluviométricos anuais predominantes, embora bastante variáveis ao longo dos anos sazonalmente mal distribuídos, são geralmente elevados, em torno de 1400mm. Há um déficit de precipitação de junho a dezembro que totaliza aproximadamente 300mm.

O regime pluviométrico caracteriza-se pela repartição das chuvas em duas estações bem distintas: uma seca e outra chuvosa. A estação das chuvas tem a maior concentração de janeiro a maio, com cerca de 86% do total anual; nesta época os totais mensais de chuva geralmente variam de 160 a 380mm. De junho a novembro, é um período muito seco, chovendo normalmente apenas de 8% do total anual. As temperaturas normais são muito altas durante o ano todo, com média anual em torno de 27,5° C e médias mensais acima de 26° C em qualquer mês.

Relevo e hidrografia - o território apresenta relevo dissecado em formas tubulares com topografia plana e suavemente ondulada, cedendo lugar a sudoeste a um relevo de tabuleiro delimitado por pequenas escarpas. As principais elevação são os morros do Alfaiate, Marajá, dos Pereiras e Carnaubinhas.

A rede hidrográfica - pretende a Bacia do Parnaíba, sendo constituída pelo rio Longá em cuja a margem esquerda está a sede municipal e por seus afluentes, entre os quais merecem citação, os riachos Mocambo, Carnaúba, Angico Branco, das Queimadas, Cacimbinha e Descanso.

A economia do município se destaca por seu comércio e pelas culturas agrícolas e pecuárias; uma pesquisa industrial feita em 1979, revelou a existência de dois estabelecimentos;

Com relação ao extrativismo vegetal destacam-se carnaúba, babaçu, tucum e jaboranti;

Segundo o censo agropecuário de 1980, pesquisou-se 3117 estabelecimentos e foram encontradas lavouras permanentemente em 113 estabelecimentos (260 há) e temporárias em 3009 (5.959 há);

Na agricultura, os principais produtos cultivados são: mandioca, arroz, milho, caju e laranja;

Na pecuária destacam-se os rebanhos de bovinos, suínos e caprinos;

O intercâmbio comercial tem na amêndoa do babaçu bruto, seus principais produtos exportados e nas confecções, no feijão e no açúcar os importados.

Acesso - saindo de Teresina, o acesso é através de BR-222 até o Km 23, prosseguindo pela PI - 110 até o Km 38, pela PI 113 até o Km 115 e finalmente pela BR 343 até o Km 18.

3 - HISTÓRICO - em 8 de setembro de 1800, nascia Mariano de Carvalho Castelo Branco que mais tarde, aos 47 anos de idade, juntamente com sua esposa, Rosa Maria Pires Ferreira, construíram a Fazenda Olho D'água.

Fato inusitado deu-se por ocasião da corbetura da casa, quando da confecção das telhas, o proprietário autografou, fez citações bíblicas, desenhou animais, plantas e gravou datas de aniversários de familiares nas telhas. Por estas inscrições, ficamos sabendo a data exata de seu nascimento e que o acontecido se deu na Fazenda Taboca, que pertencia a seus pais.

A presença dos Castello Branco foi marcante em Esperantina. Os irmãos de Mariano possuíram outras grandes fazendas na região, das quais podemos citar a casa-grande da Limpeza, que

data de 1827. Todas, porém sucumbiram à passagem do tempo, com exceção da Olho D'água dos Pires.

A casa de Fazenda Olho D'água está localizada na rodovia PI-117, que liga Esperantina à Matias Olímpio, a 18km de Esperantina.

4 - O ENTORNO - apresenta-nos uma vegetação envolvendo a casa, proporcionando ar fresco e úmido que ameniza bastante o clima. Próximo à construção principal, encontramos a casa de engenho, mais adiante a casa de farinha e a seguir o poço, que " à tiros de pólvora, marreta e alavanca, foi ampliado", deixando de ser o antigo e pequeno olho d'água que deu nome à fazenda.

O conjunto destas obras confere ao quadro um ar colonial que transporta o visitante à época do Império.

A fim de definir uma área do entorno a ser tombado, vamos considerar na casa de engenho, o ponto de sua cumeeira mais próximo da sede; a projeção vertical desse ponto no piso, (R), será nossa referencia para determinar um retângulo de 1,50 há, da seguinte forma: tomando por base a linha da cumeeira, marquemos 50 metros para cada lado e teremos a largura do terreno (100,00m); a partir do ponto de referencia R, marquemos 60 metros em direção à sede e 90 metros na direção oposta e teremos o comprimento da área (150.00m), conforme aparece desenhado, em linha tracejada, na planta de situação.

5- A ARQUITETURA - original da Fazenda, embora guarde característica peculiares da arquitetura tradicional do Piauí, cômodos amplos, paredes largas, telhado deitado, apresenta inovações em sua planta. Cercada em U por varandas, a planta da parte interna da casa tem origem na Porta e Janela, com os quartos e salas interligados, inclusive a cozinha. No entanto, as varandas laterais, substituindo o corredor central da Morada Interna, deu maior independência às salas e aos quartos, permitindo o acesso direto da varanda frontal à cozinha.

As varandas também proporcionam à casa maior proteção contra incidência direta dos raios solares. A arborização intensa ao seu redor criam ambientes agradáveis no seu interior, com as temperaturas bem mais baixas que as do exterior, tornando-as locais preferidos de reunião da família.

A estrutura original da casa sofreu, com o correr dos anos, algumas modificações. Novos cômodos para garagem, banheiros, depósitos e quartos surgiram com a subdivisão das varandas e das salas. Alguns acréscimos foram feitos na parte posterior, modificando a cozinha e as extremidade das varandas laterais.

Recentemente, o novo proprietário, Francisco Araújo Linhares substituiu o caibro corrido do beiral frontal por cachorros, providência que teve por finalidade levantar o beiral, considerado muito baixo.

Apesar das modificações, casa de fazenda sobrevive com suas principais características adaptadas ao clima e atividades rurais desenvolvidas ao longo dos 150 anos de sua existência.

Os elementos construtivos permanecem evidenciados em todas as edificações e agenciamento.

As casas de farinhada e do engenho são galpões com coberturas em duas águas, sustentadas por pilares de madeira. No seu interior encontram-se uma série de equipamentos próprios de cada atividade ali desenvolvida, a exemplo dos vários fornos de alvenaria, engenhos, instrumentos de madeira etc.

A sede possui um sistema construtivo formado por bases de pedra, estrutura autônoma de sustentação do telhado e paredes de vedação adobe.

As paredes de adobe são revestidas com argamassa. Dentro dessas paredes encontramos a estrutura que suporta a cobertura, formada por troncos de madeira. Normalmente, as paredes tem perto de 2,30 metros de altura, enquanto a cumeeira está passando mais de cinco metros, o que vem permitindo uma ventilação satisfatória.

A cobertura é feita com telhas de barro tipo colonial, de fabricação manual, sustentada por estrutura de madeira lavrada e madeira roliça, sem forro.

Atualmente, maior parte dos cômodo acha-se com cal, com exceção da cozinha e dos depósitos que não receberam nenhuma pintura.

As esquadrias são de madeira fixada, abrindo em duas folhas, com vergas retas e sem bandeiras. Para vedar a varanda, foi utilizada madeira roliça, sustentada pelo corrimão de madeira que se assenta sobre o guarda-corpo de alvenaria.

A casa possui piso original feito com tijolos de barro cozido, sendo que um dos quartos ganhou piso de alvenaria.

Uma das inovações da residência, os armários embutidos dos quartos, possuem o fechamento confeccionado em madeira almofadada, diferindo das demais esquadrias existentes. Sua introdução em época posterior à da construção original, é, portanto, uma hipótese mais provável.

O sítio histórico da Fazenda Olho D'água dos Pires, formado pela casa residencial, casa de farinha, casa de engenho, olho d'água e quintais cercados por muros de pedra é um dos mais íntegros exemplares remanescentes da arquitetura rural do século XIX no Piauí.

6 - A JUSTIFICATIVA - A título de ilustração, segue-se a transcrição na íntegra, do artigo escrito por **Mariotte Rebello**, membro da família, cujo título é "**As Velhas Casas de Fazenda**".

"As velhas casa de fazenda guardam uma fisionomia comum, adaptadas às necessidades rurais ao longo dos 200 anos de vivência no Piauí, ou mais 2 séculos se contando o tempo da colonização portuguesa no Nordeste.

São casas amplas, alpendres em quase toda volta, as grossas paredes divisórias dos quartos nunca chegando até o teto, de modo que a voz se propagava fácil a todos dependências sem guardar os segredos contados altos em qualquer parte.

Esse tipo de parede divisória, a falta de forro, os alpendres baixos, o teclado com inclinações mais pronunciadas nos cordões de cumeeiras, provocam uma ventilação constante, refrescante da modorra quente nas horas de sol a pino dos dias de verão, sugando para dentro de casa o ar fresco e úmido da folhagem próxima.

A casa de fazenda do Olho D'água dos Pires, construída em 1847 é um exemplo desses cuidados, revela inovações incomuns e a grandiosidade de concepção dos seus projetistas, a criatividade e a experiência dos construtores. Tudo é amplo. Portas, quartos, alpendres. Cercada em "U" de alpendres, rodeada de mangueiras e árvores enormes, tem um frescor constante no seu interior. Ela era a sede de uma fazenda de gado e plantio de algodão, com muitos escravos, cujos descendentes hoje são fisionomicamente parecidos, talvez pelas uniões consanguíneas sucessivas.

As portas largas, em todos os quartos, faziam a facilidade de vigilância das senhoras patroas, devassando de longe, desde o alpendre, a cozinha e outras dependências, à excessão da camarinha, lugar resguardado da curiosidade, da luz e da bisbilhotice dos empregados domésticos. Era aí que se recolhiam os doentes de quarentena, as paturientes nos seus resguardos de morados e as crianças de peito", livre das correntes de ar perigosas.

Esta casa de fazenda foi muito bem preservada pelos proprietários pelos serviçais e escravos, uma relíquia bem preservada pelos proprietários, herdeiros dos Souza Pires, descendentes de Mariano Carvalho Castello Branco, casado com Rosa Pires Ferreira.

Há vários armários embutidos, concebidos pelos primeiros donos ou invenção não difundida no Piauí do Império.

Dobradiças, fechaduras, ferrolhos e peças outras de ferro; foram trabalho de escravo artesão, hábil no manejo da forja e da bigorna; as portas, janelas e armários-embutidos, construídos de taboas grossas de 3 dedos, por certo madeira apanhada nas redondezas, atestam a habilidade do trabalho na anxó, armando-se as peças com encaixe e cavilha.

Original o registro gravado em 10% das telhas coloniais: ora o nome Rosa Pires Ferreira, ou Mariano de Carvalho Castello Branco; ora figura geométrica, ou a marca do ferro do gado, ou a lua, etc; ora a data de queimada daquela fornada de telhas do século XIX.

A tiros de pólvora, marreta e alavanca, a rocha foi aberta em um poço largo e fundo, donde jorra permanente e abundante a água do antigo e pequeno "Olho D'água".

Aquela fazenda de gado e de algodão e de algodão, " Olho D'água", foi núcleo de uma povoação; evolui para cidadezinha cabeça do município independente: - OLHO D'ÁGUA DOS PIRES. (próximo a Esperantina).

A casa de fazenda sobrevive com quase toda a sua pureza inicial, quando construída pelos Castello Branco e os Pires Ferreiras; hoje é uma relíquia para seus descendentes e para o Estado, preservando a cultura arquitetônica do período rural da época do Império.

8 - Documentação Fotográfica

FOTO 01:



Características Mostradas na Foto:

- planta retangular, implantada numa depressão do terreno;
- pátio frontal delimitado por muros de pedra rebocados, separando-o dos quintais arborizados;
- inclinação acentuada do telhado, telhado deitado, que desce de 5,63m de altura sob a cumeeira até 2,09m sob a viga de sustentação dos beirais;
- cobertura do telhado em telhas de fabricação manual;
- varanda frontal parcialmente fechada por mureta de adobe, rebocada e caiada;
- vegetação densa dos quintais.

FOTO 02:

Vista principal da Fazenda Olho D'água - Fachada Nordeste.

FOTO 03:

Fachada noroeste mostrando a varanda parcialmente vedada por mureta e barras de madeira roliça justaposta.

FOTO 04:

Varanda lateral da fachada sudeste, interrompida pela construção posterior do cômodo do banheiro.



FOTO 05:

Vista principal, onde destacam-se o pátio e a água da cobertura

FOTO 06 e 07:

Dois ângulos opostos da fachada principal, onde se destacam o amadeiramento das águas do telhado e a largura do muro de pedra que delimita o pátio frontal.



5



6

FOTOS 08, 09 e 10:

Diferentes ângulos da fachada principal.



8



9



FOTO 11:

Detalhes de uma das portas internas, do piso em tijoleira e dos caibros e ripas da varanda frontal.

FOTO 12:

Encontro da varanda sudeste com a varanda frontal, transformada em garagem fechada por portões de madeira.



FOTO 13:

Varanda frontal, com piso em tijoleira, pilares e vigas em madeira lavrada, caibros em madeira roliça, móveis e utensílios típicos das residências rurais do Piauí.

FOTO 14:

Varanda noroeste caracterizada pela vedação parcial de madeira roliça sobre guarda-corpo de alvenaria. É interrompida por um cômodo intermediário que a liga à varanda frontal.



13



14

FOTO 15:

Detalhe do piso em tijoleira e da porta de madeira fixada, em duas folhas, que caracterizam a parte interna da edificação.

FOTO 16:

Detalhe do revestimento interno das paredes, com reboco de barro e pintura de cal.



15

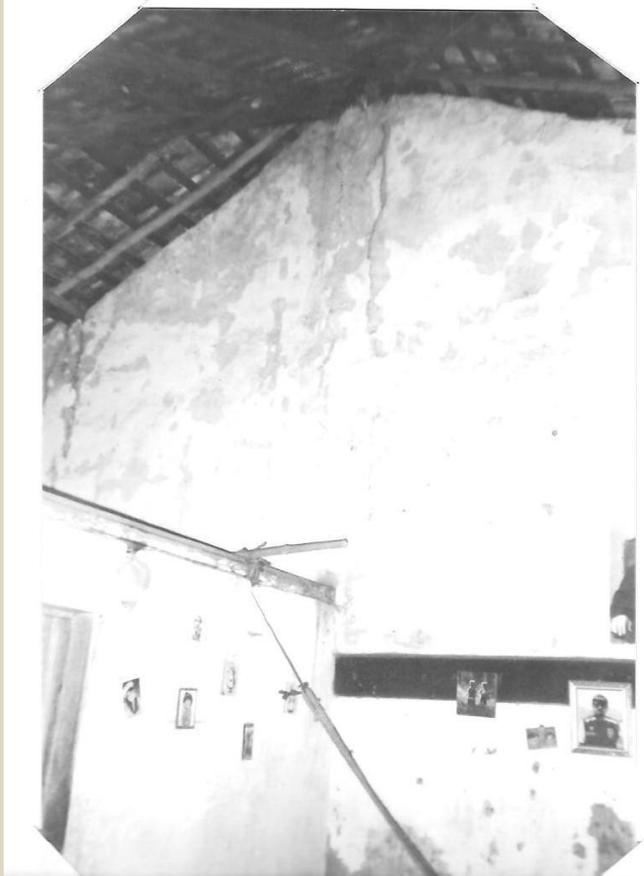
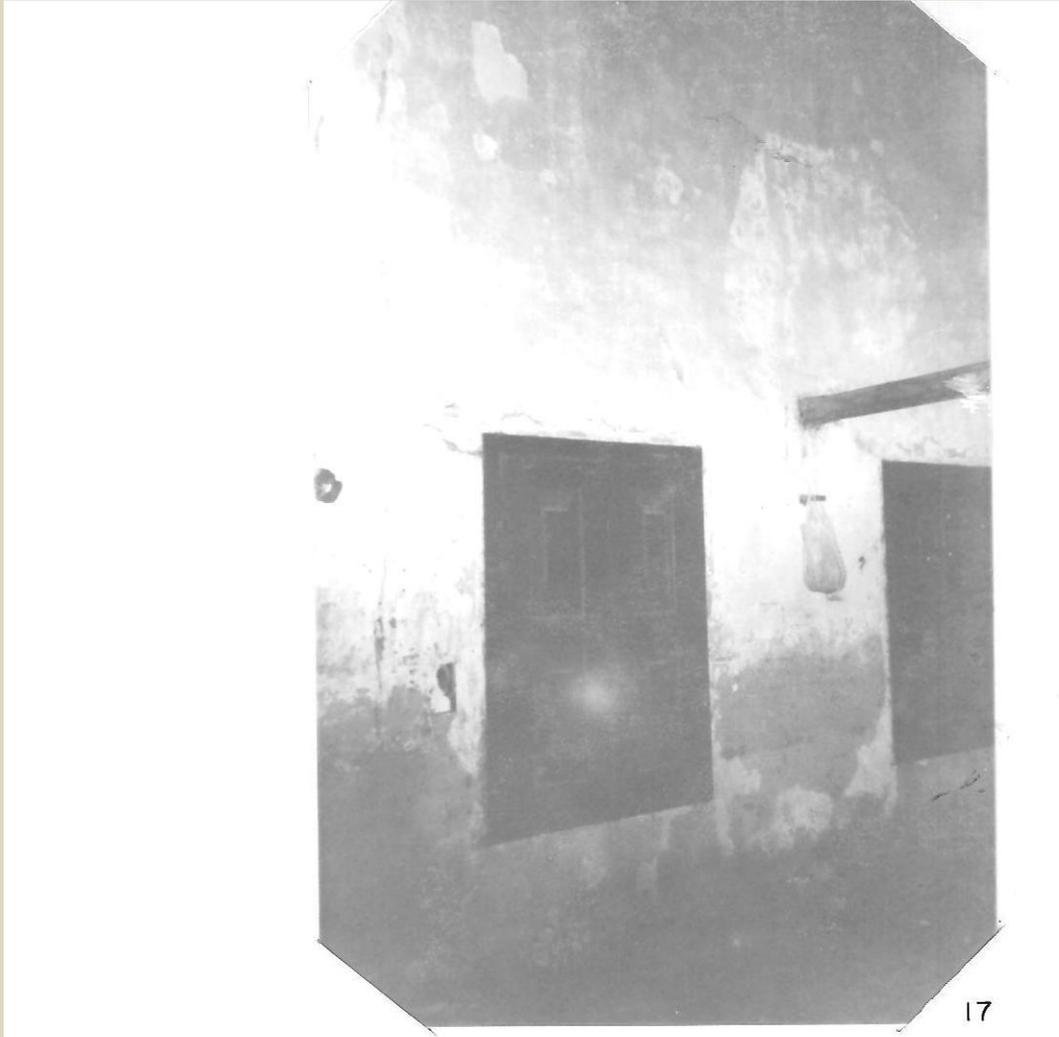


FOTO 17:

Vista de uma alcova com armários embutidos nas largas paredes de adobe.

FOTO 18:

Alcova central, onde se observam as peças de madeira transversais usadas como travamento dos pilares que, embutidos nas alvenarias, servem de sustentação da cumeeira e das linhas do telhado.



17



18

FOTO 19:

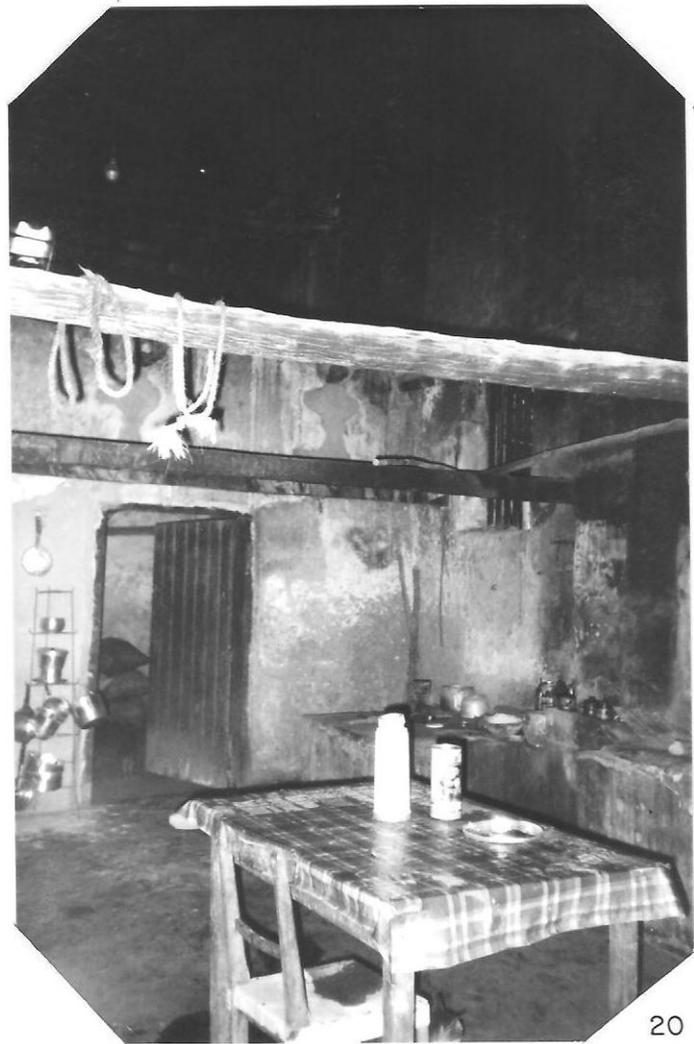
Detalhe do fogão formado por chapa de ferro com várias bocas, assentada sobre largas bases de alvenaria, onde se depositam as panelas de barro, de ferro, tachos etc.

FOTO 20:

Vista da cozinha, com toda a sua rusticidade.



19



20

FOTO 21:

Detalhe do forno de barro, localizado em cômodo anexo à cozinha, construído em nível mais baixo que a casa.

FOTO 22:

Varanda noroeste, que permite o acesso direto à cozinha. É usada como sala de refeição e de estar.



21



22

FOTO 23:

Detalhe interno do engradamento do telhado.

FOTO 24:

Detalhe de uma telha com desenho de um pássaro, um dos tipos de registro usado em uma parte significativa das telhas das varandas.



23



24

FOTO 25:

Detalhe da telha da varanda frontal gravada com o nome "Mariano de Carvalho Castello Branco", fundador da Fazenda Olho D'água juntamente com sua esposa Dona Rosa Maria Pires Ferreira.

FOTO 26:

Telha da Fazenda Olho D'água dos Pires gravada com o nome "Viriato Rosendo de Carvalho, um dos quatro filhos de Mariano e sua esposa, e o ano de "1847", época provável da conclusão da obra.

FOTO 27:

Telha gravada com o desenho de um papagaio, pertencente à Fazenda Olho D'água dos Pires.



25



26



FOTO 28:

Detalhe das paredes de fundo da casa, feita em tijolos crus, sem reboco.

FOTO 29:

Vista da casa do engenho, situada à noroeste da casa principal.



28



29

FOTO 30:

Detalhes dos suportes de madeira do engenho que foi retirado do local.

FOTO 31:

Vista da casa de engenho e da casa de farinha. Galpões com cobertura em duas águas, localizados entre a casa principal e o olho d'água à noroeste.



FOTO 32:

Detalhe interno da casa de farinha.

FOTO 33:

Fornos da casa de farinha.



32



FOTO 34:

Vista da nascente ou o popular "olho d'água" e da estrutura de sustentação da caixa d'água, construída em época mais recente.

FOTO 35:

Origem do nome da Fazenda, o olho d'água mostrado na foto se situa à noroeste da casa principal, a uma distância de aproximadamente 88m.



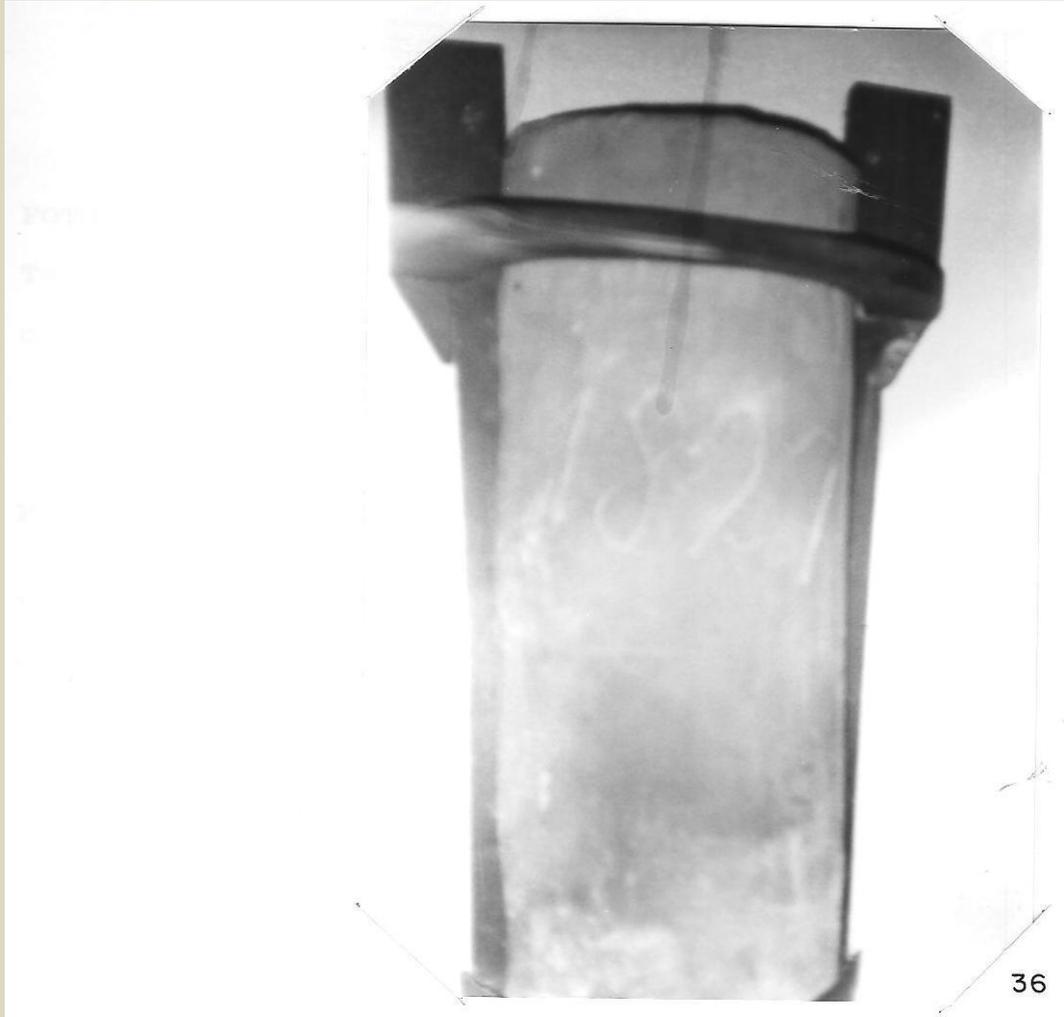
34



35

FOTOS 36 e 37:

Telhas com inscrições retiradas de sedes de fazendas da região de Esperantina. Encontram-se na sede da Secretaria Municipal da Cultura.



36



37

FOTO 38:

Telha com inscrição da Fazenda Olho D'água do Pires.
Encontra-se na sede da Secretaria Municipal da Cultura.

FOTO 39:

Telha com inscrição da Fazenda Olho D'água dos Pires com o
desenho de uma flor e a gravação do ano de 1849.



38



39

FOTO 40:

Vista da entrada da Fazenda, mostrando o seu pátio frontal, delimitado por muro de pedra.

FOTO 41:

Varanda frontal.



40



41

FOTO 42:

Detalhe do guarda-corpo e pilares de madeira da varanda frontal. O beiral de caibro corrido, executado em madeira roliça, foi posteriormente substituído por cachorros de madeira lavrada, iniciativa do proprietário atual.

FOTO 43:

Detalhe do portão de madeira da varanda frontal.



42



FOTO 44:

Vista da parte posterior da fachada noroeste, mostrando a parte externa do cômodo anexo à cozinha, onde se localiza o forno.

FOTO 45:

Fachada noroeste, mostrando ao fundo o anexo do banheiro, construído posteriormente, como prolongamento da água da cobertura.



44



FOTO 46:

Empena da fachada posterior ou sudoeste, mostrando os pilares de madeira que sustentam as linhas e a cumeeira da estrutura do telhado.

FOTO 47:

Bilheira - mobília rústica própria para a acomodação de potes de cerâmica, usados para o armazenamento de água potável.



46



47

FOTO 48:

Detalhe do piso, esquadrias, bilheira e panela de ferro da Fazenda Olho D'água dos Pires.

FOTO 49:

Engenho e rodas de carro de boi, peças posteriormente retiradas de Fazenda.



48



FOTO 50:

Peças da casa de engenho.

FOTO 51:

Equipamentos usados na fabricação da farinha de mandioca.



50



FOTOS 52 e 53:

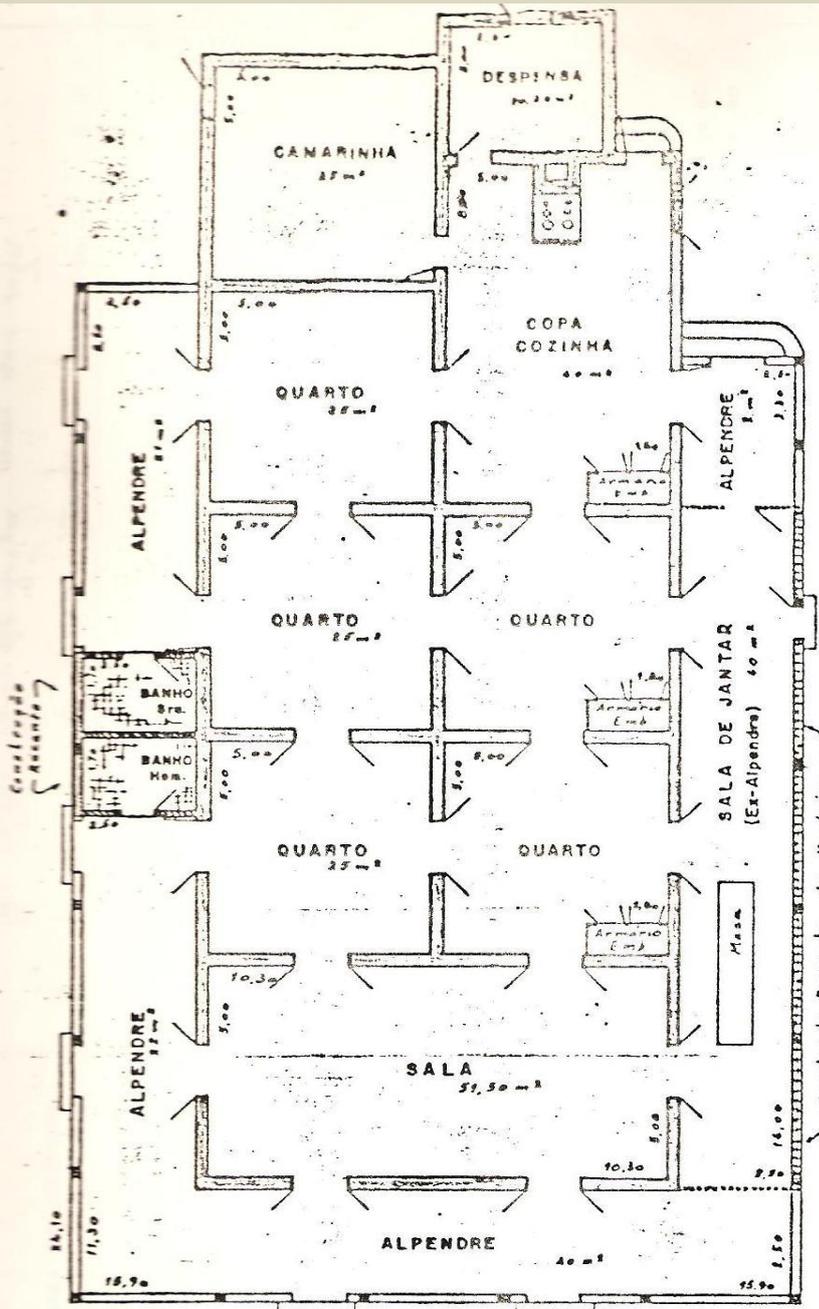
Detalhes dos fornos da casa da farinhada.

- **OBS:** as fotos de nº 1 a 37 são de 1994, as de nº 38 a 53 são anteriores, da década de 80, quando a fazenda ainda pertencia aos descendentes de Mariano de Carvalho Castello Branco e D. Rosa Maria Pires Ferreira.

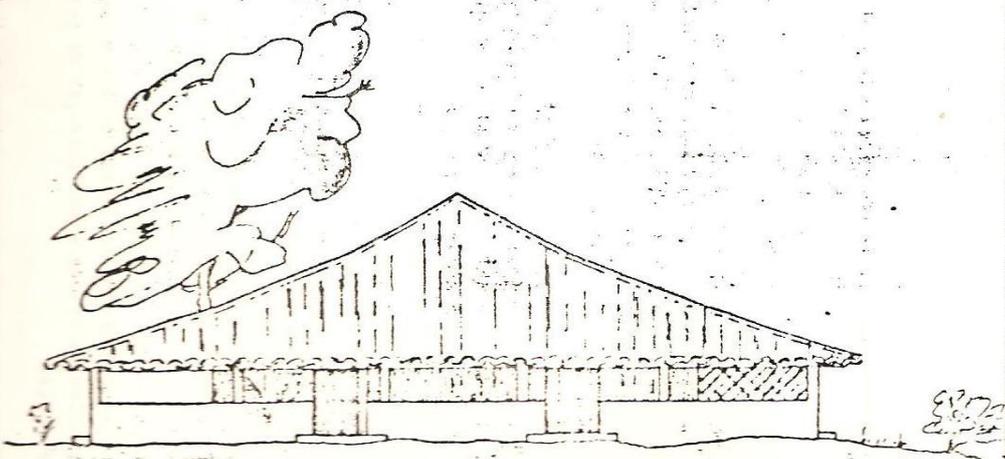


52





FAZENDA COLONIAL - 1845 = 445 m²
 OLHO D'ÁGUA DOS PIRES



FAZENDA COLONIAL - 1845 = 445 m²
 OLHO D'ÁGUA DOS PIRES

Mariotte Rebelo
Julho - 1985

As velhas casas de fazenda guardam uma fisionomia comum, adaptadas às necessidades rurais ao longo dos 200 anos de vivência no Piauí, ou mais 2 séculos se contado o tempo da colonização portuguesa no Nordeste.

São casas amplas, alpendres em quase toda a volta, as paredes divisórias dos quartos nunca chegando até o teto, de modo que a voz se propagava fácil a todas as dependências sem guardar os segredos contados alto em qualquer parte.

Este tipo de parede divisória, a falta de ferro, os alpendres abertos, o telhado com inclinações mais pronunciadas nos corredores de circulação, promoviam uma ventilação constante, refrescante da madeira que se usava na construção das casas de madeira, adequada para dentro de casa e nas frestas e fendas das portas e janelas.

A casa de fazenda de Olho D'Água dos Pires, construída entre 1800 e 1850, é exemplo de construção com várias inovações inovadoras e a criatividade de concepção dos seus projetistas, a criatividade e a engenharia dos construtores. Tudo é amplo. Portas, quartos, alpendres. Cercas de alpendres, rodadas de mangueiras e árvores e árvores, tem um frescor constante no seu interior. Ela era a sede de uma fazenda de gado e plantio de algodão, com muitos escravos, cujos descendentes hoje são fisionomicamente parecidos, talvez pelas uniões consanguíneas sucessivas.

As portas largas, em todos os quartos, faziam a facilidade de vigilância das senhoras patroas, devassando de longe, desde o alpendre, a cozinha e outras dependências, à excessão da camarinha, lugar resguardado da curiosidade, da luz e da bisbilhotice dos empregados domésticos, para ali que se recolhiam os doentes de quarentena, as parturientes nos seus resguardos decorados e as "crianças de peito", livres das correntes e ar perigosas.

Esta casa de fazenda foi muito bem construída pelos serviços e escravos, uma relíquia bem preservada pelos proprietários, herdeiros dos Pires de Souza, descendentes de Mariano de Carvalho Castello Branco, casado com Rosa Pires Ferreira.

Há vários armários-embutidos, concebidos pelos primeiros donos

ou invenção não difundida no Piauí do Império.

Dobradiças, fechaduras, ferrolhos e peças outras de ferro; foram trabalho de escravo artesão, hábil no manejo da forja e da bigorna; as portas, janelas e armários-embutidos, construídos de tábuas grossas de 3 dedos, por certo madeira apanhada nas redondezas, atestam a habilidade do trabalho na enxó, armando as peças com encaixe e cavilha.

Original o registro gravado em 10% das telhas coloniais: ora o nome Rosa Pires Ferreira, ou Mariano de Carvalho Castello Branco; ora figura geométrica, ou a marca do ferro de gado, ou a lua, etc; ora a data de queimada daquela formada de telhas do século XIX.

A tiros de pólvora, marreta e alavanca, a rocha foi aberta em um poço largo e fundo, donde jorra permanente e abundante a água de antigo e pequeno "Olho D'Água".

Aquela fazenda de gado e de algodão, "Olho D'Água", foi núcleo de uma povoação; evoluiu para a cidadezinha cabeça de município independente: OLHO D'ÁGUA DOS PIRES. (Publicado a Experimentum).

A casa de fazenda sobrevive com quase toda a sua pureza inicial, quando construída pelos Castello Branco e os Pires Ferreira; hoje é um relíquia para os seus descendentes e para o Estado, preservando a cultura arquitetônica do período rural da época do Império.

*Do prezado amigo Edison Barbosa,
uma impressão que me ficou da Casa
de Fazenda onde nasceu minha avó
paterna. É uma relíquia preserva-
da pelos Pires de Souza mas que está
se deteriorando. É uma pena...*

Do Mariotte

Texto de Mariotte Rebelo de 1985 sobre as casas de fazenda do Piauí.

